

Como praticar a solidariedade em um contexto cada vez mais individualista e competitivo? Reflexões para a gestão na economia popular solidária

*How to practice solidarity in an increasingly individualistic and competitive context?
Reflections for management in the solidarity-based popular economy*

*¿Cómo practicar la solidaridad en un contexto cada vez más individualista y competitivo?
Reflexiones para la gestión en la economía popular solidaria*

Marina Cardoso de Oliveira¹
Cristiane Betanho²
José Eduardo Fernandes³
Elson de Oliveira Felice⁴

RESUMO: A Economia Popular Solidária se posiciona como uma abordagem crítica ao sistema capitalista. No entanto, na convivência com as dinâmicas de mercado, afloram relações individualistas entre os trabalhadores das organizações produtivas solidárias. Como enfrentar essa contradição e superá-la? Esse foi o objetivo de uma Roda de Conversa durante a V Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA), ocorrida em maio de 2019 na Universidade Federal de Uberlândia. As trabalhadoras e os trabalhadores participantes apontaram ser imprescindível construirmos na prática relações socialmente referenciadas com a sociedade, expandindo a solidariedade para todos os trabalhadores que se relacionem a partir da Economia Popular Solidária, dentro e fora das iniciativas produtivas.

Palavras-chave: Economia popular solidária. Trabalho socialmente referenciado. Organizações produtivas solidárias.

ABSTRACT: The Popular Solidary Economy positions itself as a critical approach to the capitalist system. However, in the coexistence with the market dynamics, individualistic relations between workers of the productive solidarity organizations arise. How to face this contradiction and overcome it? This was the objective of a Conversation Circle during the 5th University Day in Defense of Land Reform, which took place in May 2019 at the Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brasil. The workers affirmed that it is essential to build socially referenced relationships in practice, expanding solidarity for all workers who relate to the Popular Solidary Economy, inside and outside the productive initiatives.

¹ Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Brasil; professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil; coordenadora do Laboratório Construção da Vida (LaVida/UFTM) e do Grupo de Pesquisa em Educação e Construção da Carreira (GPECC/UFTM) (marina.cardoso.oliveira@uftm.edu.br).

² Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil; professora associada da Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; coordenadora do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps/PROEXC/UFU) (crisbetanho@ufu.br).

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; educador do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps/PROEXC/UFU) (eduambienta@gmail.com).

⁴ Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; educador popular no Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps/PROEXC/UFU) (elsonfelice2001@yahoo.com.br).

Keywords: Popular solidary economy. Socially referenced work. Solidarity-based production organizations.

RESUMEN: La Economía Solidaria Popular está en una posición crítica frente al sistema capitalista. Sin embargo, en coexistencia con la dinámica del mercado, surgen relaciones individualistas entre los trabajadores de las organizaciones productivas solidarias. ¿Cómo enfrentar esta contradicción y superarla? Este fue el propósito de una rueda de conversación durante la Jornada universitaria en defensa de la reforma agraria, celebrado en mayo de 2019 en la Universidad Federal de Uberlândia. Los trabajadores participantes señalaron que es esencial construir en la práctica relaciones socialmente referenciadas con la sociedad, expandiendo la solidaridad para todos los trabajadores que se relacionan a partir de la Economía Solidaria Popular, dentro y fuera de las iniciativas productivas.

Palabras clave: Economía popular solidaria. Trabajo socialmente referenciado. Organizaciones productivas solidarias.

INTRODUÇÃO

A economia baseada no mercado tem causado impactos estruturais na vida social, por meio da concentração da riqueza e da marginalização de grande parte da população trabalhadora. A Economia Popular Solidária (EPS) aparece como espaço concreto para formulações de alternativas para a construção de novos modos de vida, geração de trabalho e renda mais justos, inclusivos e solidários (OLIVEIRA *et al.*, 2013).

Apesar dos princípios da EPS pautarem-se na solidariedade em vez da competitividade, existem muitas armadilhas impostas pela cultura neoliberal que podem distorcer os princípios da solidariedade na gestão de Organizações Produtivas Solidárias (OPS).

Pensar a gestão das OPS é lidar constantemente com as contradições sociais e lutar pela construção de alternativas econômicas que prezem por valores democráticos, participativos e inclusivos. É um exercício contínuo para a superação do individualismo e da cultura do lucro pelo lucro.

A questão que moveu esta Roda de Conversa durante a V Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA) na Universidade Federal de Uberlândia, em maio de 2019, foi: como praticar a solidariedade em um contexto cada vez mais individualista e competitivo? Para o debate da questão, reuniram-se 20 pessoas, cujas impressões foram adicionadas ao texto base que tínhamos construído para balizar a discussão. Os resultados dessa reflexão estão sintetizados a seguir.

Limites e desafios para romper com o individualismo na Economia Popular Solidária

São muitos os desafios impostos às iniciativas produtivas que se organizam a partir dos princípios da EPS. Dentre eles, destacam-se a organização e a gestão dos coletivos de trabalho e geração de renda.

Para Tauile e Rodrigues (2005), os trabalhadores solidários enfrentam dois tipos de dificuldades na gestão. Em muitos casos, falta postura solidária, de confiança e de autogestão entre os associados. Por outro lado, falta conhecimento sobre procedimentos básicos de administração, tanto no âmbito interno quanto nas suas relações com outros agentes (clientes, fornecedores, instituições de financiamento etc.).

Gerir uma OPS exige romper com os modelos de gestão capitalistas. Uma das grandes rupturas é que nessas organizações não existe ou não deve existir a figura do patrão. De fato, como apontaram os participantes da Roda de Conversa, os trabalhadores têm dificuldade de superar a figura do chefe e acabam elegendo alguém para responsabilizar sobre tudo o que acontece na OPS. A ausência de alguém que manda e delega exige dos seus associados uma postura mais libertária na relação com as pessoas e que as pessoas dominem os conhecimentos de gestão. Mas autogerir-se, numa sociedade como a que vivemos – orientada pelo privado –, requer empenho das pessoas e implica mudança de comportamento no exercício da tolerância e do respeito ao outro. O reconhecimento do coletivo é uma tarefa complexa e de construção gradativa, na qual o diálogo é elemento mediador de conflitos e gerador de consensos e acordos coletivos (OLIVEIRA, 2005). Como salientou um trabalhador participante da Roda, precisamos construir um novo ser humano e isso passa por outro processo de educação, que seja emancipadora.

Singer (2010) defende que, para que a autogestão se realize, é preciso que todos os sócios saibam o que ocorre na organização e contribuam com alternativas para a resolução dos problemas. Por sua característica relacional, a autogestão possibilita o surgimento de conflitos de opinião e/ou interesses que muitas vezes, se não forem devidamente trabalhados, podem dividir os associados e ameaçar a solidariedade entre eles.

Em uma sociedade paternalista e coronelista como a sociedade brasileira, os valores de mando e de subordinação se reproduzem com facilidade no cotidiano das organizações da economia popular solidária. O modo capitalista de pensar e o trabalho assalariado são referências

dominantes que acabam influenciando o modo de ser e de agir desses trabalhadores (OLIVEIRA; AZEVEDO; ARAÚJO, 2014).

Nessa direção, Oliveira (2005) ressalta que, em uma sociedade onde o esperado é ter um chefe, o fato de decidir de forma coletiva acaba sendo responsável por conflitos. A figura do “patrão”, construída culturalmente durante séculos, está presente de forma arraigada na sociedade e, de forma especial, nos setores despossuídos da sociedade. Essa mentalidade precisa ser desconstruída e a gestão democrática e participativa, fortalecida. Como afirmaram os participantes da roda, temos que fazer da EPS um espaço para romper com a cultura dominante.

Outro desafio presente na gestão dos coletivos da economia popular solidária é a manutenção da sua viabilidade econômica. Embora sua finalidade não seja gerar lucro pelo lucro, um coletivo de trabalho solidário precisa estruturar-se de maneira eficaz a fim de gerar resultados positivos e estabelecer planos de crescimento sustentável que lhe permitam desenvolver-se. Construir relações comerciais solidárias é, sem dúvida, outra questão que precisa ser constantemente problematizada.

Os participantes da roda observaram que um nó crítico na EPS é o relacionamento com os mercados que precisa ser diferente do relacionamento das empresas capitalistas. De fato, para que as iniciativas da EPS sejam de fato solidárias na sua gestão, é preciso direcionar esforços para desconstruir as influências do modelo de produção capitalista e reconstruir um novo referencial que contemple a cooperação solidária, tanto no âmbito da gestão interna quanto na relação comercial com os agentes externos. O que se tem nas OPS não são mercadorias, mas os frutos do trabalho cooperado, e precisamos envidar esforços para que isso seja reconhecido, afirmaram os participantes da atividade.

Nesse sentido, torna-se importante a capacitação dos trabalhadores para um gerenciamento eficiente, equilibrando o conhecimento dos procedimentos gerenciais básicos e os princípios da gestão democrática e solidária. Esse é um desafio a ser superado no cotidiano da maioria das OPS (TAUILE; RODRIGUES, 2005; PINHEL; ZANIN; DEL MÔNACO, 2009).

No entanto, ninguém muda uma realidade que desconhece. A problematização das situações vividas na relação com o mercado contribui para que trabalhadores da economia solidária saiam do processo de alienação em que se encontram e busquem novas possibilidades. Nesse contexto, a educação torna-se um elemento chave para a emancipação da classe trabalhadora,

já que a construção de suas identidades individuais e sociais foi fundamentada na exploração e na subordinação.

Para a efetivação de uma gestão democrática, popular e solidária faz-se necessário um processo contínuo de educação cooperativa. Entende-se por educação cooperativa todas as iniciativas que possam despertar o interesse, o comprometimento e a motivação dos associados nos processos de formação e administração, valorizando as relações de solidariedade dentro e fora do empreendimento. O objetivo das ações de educação é desenvolver habilidades indispensáveis como o pensamento autônomo e crítico, a solução de problemas, a criatividade e a inovação. Incluem também aspectos de cidadania, responsabilidade social, moral, ética, equidade, justiça e bem comum (CRÚZIO, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da EPS, quando a consciência coletiva diminui, percebe-se a manifestação do individualismo, aspecto negativamente relacionado à gestão democrática, causando consequências na relação de aceitação coletiva de igualdade e da capacidade diferenciada. Trabalhar de forma coletiva pressupõe tolerância e o respeito às decisões compartilhadas.

A falta de solidariedade entre os associados, que se manifesta por meio de brigas e rivalidades, impacta negativamente nos resultados do trabalho e na geração de renda desses empreendimentos, o que, por sua vez, tem potencial para inviabilizar economicamente a atividade. Por isso é tão importante que, ao participar de um movimento associativo da EPS, o trabalhador construa uma identidade política à medida que cria sociabilidades baseadas na solidariedade e na existência de um projeto comum de transformação das relações de exploração e opressão, em substituição ao individualismo que operava nesses grupos antes de seu processo organizativo (BARROS; PINTO, 2008).

Mas, como salientam os participantes da roda, não basta ser solidário da “porta para dentro”. É imprescindível construirmos relações socialmente referenciadas com a sociedade, expandindo a solidariedade para todos os trabalhadores que se relacionem a partir da EPS, dentro e fora das iniciativas produtivas. O papel da formação é essencial na construção do novo ser humano necessário a uma sociedade mais justa e solidária, e as universidades devem ser parceiras dos movimentos de trabalhadores nessa direção.

REFERÊNCIAS

BARROS, V. A.; PINTO, J. B. M.. Reciclagem: trabalho e cidadania. *In*: KEMP, V. H.; CRIVELLARI, H. M. T. **Catadores na cena urbana**: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CRÚZIO, H. O. **Cooperativas em rede e autogestão do conhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

OLIVEIRA, M. C. *et al.* Reflexões sobre economia solidária e cooperativas de catadores de materiais recicláveis: conquistas e desafios. *In*: OLIVEIRA, M. C.; ARAÚJO, G. C.; SALES, E. M. B. **Extensão universitária e economia solidária**: práticas e reflexões. Campo Grande: EDUFMS, 2013. p. 75-91.

OLIVEIRA, M. C.; AZEVEDO, A. M. S; ARAÚJO, G. C. Os sentidos de rotatividade em uma cooperativa de reciclagem. **Desenvolve**: Revista de Gestão do Unilasalle, v. 3, n. 1, p. 227-243, 2014.

OLIVEIRA, R. A. Educação popular na economia solidária: uma ponte para a construção do novo. *In*: CANDEIAS, C. N. B.; MACDONALD, J. B.; MELO-NETO, J. F. (org.). **Economia solidária e autogestão**: ponderações teóricas e achados empíricos. Alagoas: EDUFAL, 2005. p. 87-104.

PINHEL, J. R; ZANIN, M.; DEL MÔNACO, G. Características essenciais para os catadores de resíduos recicláveis visando sua emancipação social, econômica e política. *In*: ZANIN, M.; GUTIERREZ, R. (org.). **Economia solidária**: tecnologias em reciclagem de resíduos para a geração de trabalho e renda. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 137-147.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

TAUILE, J. R., RODRIGUES, H. Economia solidária e autogestão no Brasil: síntese de uma pesquisa. Notas Técnicas. **Mercado de Trabalho**, n. 28, set. 2005. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4895/7/mt_24_7economiasolid%C3%A1ria_autogest%C3%A3o.pdf. Acesso em: 19 fev. 2020.